

EDUCAÇÃO SEXUAL, SEXUALIDADE E GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL: TRILHANDO CAMINHOS PARA UMA EDUCAÇÃO EMANCIPADORA 2



Fabiano Eloy Atílio Batista
(Organizador)

Atena
Editora

Ano 2021

EDUCAÇÃO SEXUAL, SEXUALIDADE E GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL: TRILHANDO CAMINHOS PARA UMA EDUCAÇÃO EMANCIPADORA 2



Fabiano Eloy Atílio Batista
(Organizador)

Atena
Editora

Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa

Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalo de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia

Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Educação sexual, sexualidade e gênero e diversidade sexual: trilhando caminhos para uma educação emancipadora 2

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Giovanna Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Fabiano Eloy Atílio Batista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E24 Educação sexual, sexualidade e gênero e diversidade sexual: trilhando caminhos para uma educação emancipadora 2 / Organizador Fabiano Eloy Atílio Batista. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-941-7

DOI 10.22533/at.ed.417211504

1. Educação sexual. 2. Sexualidade. 3. Identidade de gênero. 4. Diversidade sexual. 5. Educação. I. Batista, Fabiano Eloy Atílio (Organizador). II. Título.

CDD 372.372

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Prezados leitores e leitoras;

“Gênero e sexualidade são construídos através de inúmeras aprendizagens e práticas, empreendidas por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais, de modo explícito ou dissimulado, num processo sempre inacabado”.

(Guacira Lopes Louro)

As discussões sobre Gênero, Sexualidade e Diversidade não é recente, mas, ganha contornos importantes a partir dos anos 60, com os movimentos de “contracultura”, os movimentos feministas, com a luta dos direitos da comunidade LGBTQIA+ e com a sistematização e ampliação teórica-metodológica de diversas pesquisas acadêmicas, especialmente as do campo da Educação.

Assim, pode-se entender que Gênero e Sexualidade é uma construção social, cultural e histórica que se constituem como assuntos amplos presentes em diversas instâncias da sociedade, embora ainda sejam permeados por diversos “tabus” (principalmente na contemporaneidade).

Discutir questões sobre Gênero e Sexualidade, em especial no campo da Educação, se mostra como um mecanismo potencializador de emancipação dos sujeitos em sociedade, uma vez que oportuniza um aprendizado em relação à vida sexual, a combater formas de preconceito e opressão nas relações sociais.

Nesse sentido, o livro **Educação Sexual, Sexualidade e Gênero e Diversidade Sexual: Trilhando Caminhos para uma Educação Emancipadora 2**, reuni, ao longo de 13 capítulos, discussões contemporâneas, críticas e necessárias para o debate acerca das discussões sobre Gênero, Sexualidade e Diversidade, sobretudo em um contexto de forte conservadorismo político e religioso.

Os textos aqui apresentados estão organizados de forma sistematizada e pedagógica, e são apresentados dentro dos principais eixos: Educação; Envelhecimento, Feminismo, Patriarcado, dentre outros aspectos que permitem aos leitores e leitoras um momento de grande reflexão em torno das questões de Gênero, Sexualidade e Diversidade.

Espera-se que os textos aqui reunidos possam contribuir para ampliação dos debates acerca das categorias de Gênero e Sexualidade em diversas instâncias sociais, sobretudo no campo da Educação que é tido como um espaço de suma importância para formação, discussões e acessos a informações para os debates de gênero, sexualidade, diversidade sexual, masculinidades, feminilidades, entre outras categorias de suma importância social.

Desejamos a todos e todas, uma agradável leitura!

Fabiano Eloy Atílio Batista

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

EDUCAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS: CONFLITOS E DESAFIOS NA FORMAÇÃO DOS JOVENS

Neide Abadia Carneiro
Viviane Aparecida da Silva Paiva
Joelma Fernanda de Sales Carneiro Dutra
Anaíara Lourenço da Silva

DOI 10.22533/at.ed.4172115041

CAPÍTULO 2..... 16

O DISCURSO DA SEXUALIDADE NO CONTEXTO FAMÍLIA E ESCOLA

Lucyélen Costa Amorim Pereira
Andréa Ferreira da Costa
Adriana de Medeiros Marcolano Thebas
Mayara Cazadini Carlos

DOI 10.22533/at.ed.4172115042

CAPÍTULO 3..... 25

SEXUALIDADE NA TERCEIRA IDADE: MITOS E TABUS

Mylena Menezes de França
Ivana Suely Paiva Bezerra de Mello
Daniela Heitzmann Amaral Valentim de Sousa
Silvana Barbosa Mendes Lacerda

DOI 10.22533/at.ed.4172115043

CAPÍTULO 4..... 38

ENVELHECIMENTO FEMININO E O USO DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Daniela Soares da Silva
Simone Pereira da Costa Dourado

DOI 10.22533/at.ed.4172115044

CAPÍTULO 5..... 49

ENTRE COSTUMBRES Y RUPTURAS

Nancy Zárate Castillo
Gloria Patricia Ledesma Ríos

DOI 10.22533/at.ed.4172115045

CAPÍTULO 6..... 61

COISAS QUEBRADAS: AFETIVIDADES DESVIANTES

Ludmila Castanheira
Lua Lamberti de Abreu

DOI 10.22533/at.ed.4172115046

CAPÍTULO 7	67
GÊNEROS, VULNERABILIDADES E OPRESSÕES: UM ESTUDO A PARTIR DA TEORIA DA INTERSECCIONALIDADE E DA OBRA NAVALHA NA CARNE, DE PLÍNIO MARCOS	
Julia de Albuquerque Barreto	
Lucas Henrique de Lucia Gaspar	
DOI 10.22533/at.ed.4172115047	
CAPÍTULO 8	85
NOTAS PRELIMINARES SOBRE CAPITALISMO E PATRIARCADO: O DEBATE ENTRE A TEORIA UNITÁRIA E O FEMINISMO MATERIALISTA	
Clara Gomide Saraiva	
DOI 10.22533/at.ed.4172115048	
CAPÍTULO 9	97
A (IM)POSSIBILIDADE DE OBJECÃO DE CONSCIÊNCIA DOS MÉDICOS NA UTILIZAÇÃO DAS TÉCNICAS DE REPRODUÇÃO HUMANA ASSISTIDA POR PESSOAS HOMOSSEXUAIS, SOLTEIRAS E TRANSGÊNERAS: UMA PERSPECTIVA CONSTITUCIONAL INSPIRADA NA TEORIA RAWLSIANA DE JUSTIÇA COMO EQUIDADE	
Iara Antunes de Souza	
Priscilla Jordanne Silva Oliveira	
Rafaela Fernandes Leite	
DOI 10.22533/at.ed.4172115049	
CAPÍTULO 10	110
SAÚDE E SEXUALIDADE DA POPULAÇÃO LGBTQIA+ NOS DOMÍNIOS DO CROMÁTICO DISCURSIVO DAS CAMPANHAS DE PREVENÇÃO	
Claudemir Sousa	
Vandiel Barbosa Santos	
DOI 10.22533/at.ed.41721150410	
CAPÍTULO 11	127
TRANSFOBIA E AS POLÍTICAS DE DEFESA DOS DIREITOS HUMANOS NO BRASIL	
Fernando dos Santos Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.41721150411	
CAPÍTULO 12	140
A INTERFERÊNCIA DA MASCULINIDADE TÓXICA NO FUTURO DA LUTA PELA IGUALDADE DE GÊNERO	
Nathan Nahas	
Matteo Henrique Sartore	
Letícia Oliveira Lima	
Beatriz dos Santos Rissi	
Barbra Kei Yaguiui Knorst	
Cristina Landgraf Lee	
DOI 10.22533/at.ed.41721150412	

CAPÍTULO 13.....	154
O SISTEMA DE JUSTIÇA CRIMINAL COMO UM MECANISMO DE REFORÇO DA VIOLÊNCIA ESTRUTURAL NO UNIVERSO FEMININO	
Thalita Araújo Silva	
Yollanda Farnezes Soares	
DOI 10.22533/at.ed.41721150413	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	166
ÍNDICE REMISSIVO.....	167

CAPÍTULO 12

A INTERFERÊNCIA DA MASCULINIDADE TÓXICA NO FUTURO DA LUTA PELA IGUALDADE DE GÊNERO

Data de aceite: 01/04/2021

Data de submissão: 05/02/2021

Nathan Nahas

Universidade de São Paulo
São Paulo – SP
<http://lattes.cnpq.br/1135224542843310>

Matteo Henrique Sartore

Universidade de São Paulo
São Paulo – SP
<http://lattes.cnpq.br/6533756241608943>

Letícia Oliveira Lima

Universidade de São Paulo
São Paulo – SP
<http://lattes.cnpq.br/7314010393083732>

Beatriz dos Santos Rissi

Universidade de São Paulo
São Paulo – SP
<http://lattes.cnpq.br/2833127174784513>

Barbra Kei Yagui Knorst

Universidade de São Paulo
São Paulo – SP

Cristina Landgraf Lee

Universidade de São Paulo
São Paulo – SP
<http://lattes.cnpq.br/2834506032657814>

RESUMO: Este estudo tem como escopo a discussão da construção de um conjunto de normas, crenças e comportamentos associados à masculinidade ao longo dos anos, seus efeitos

na sociedade atual e como estes afetam a luta pela igualdade de gênero. O objetivo é investigar como a masculinidade tóxica, que se encontra densamente inserida na cultura e na forma de pensamento de muitos países, atua como um obstáculo para se atingir o igualitarismo entre os gêneros. Como percurso metodológico, foram feitas perguntas abertas e fechadas, por meio de um formulário para 308 pessoas. Os resultados demonstraram que, apesar da grande interferência atual da masculinidade tóxica, o futuro da luta por igualdade de gênero é promissor, com 63% dos participantes acreditando na mudança dos padrões de masculinidade em um período de dez anos. Também foi documentada a perspectiva de que as futuras gerações venham a ser educadas com uma visão menos conservadora do tema, já que 83,4% dos participantes negaram o interesse em repassar ideais tradicionais e prejudiciais de uma figura masculina para seus filhos.

PALAVRAS-CHAVE: Masculinidade tóxica, Igualdade de gênero, Cultura do herói, Nova masculinidade, Modos de criação.

THE INTERFERENCE OF TOXIC MASCULINITY IN THE FUTURE OF THE FIGHT FOR GENDER EQUALITY

ABSTRACT: This study aims to discuss the construction of a set of norms, beliefs and behaviors associated with masculinity over the years, its effects on today's society and how it affects the struggle for gender equality. The objective is to investigate how toxic masculinity, that is thickly inserted in the culture and in the way of thinking of several countries, acts as an obstacle to achieving egalitarianism. As a methodological

path, open and closed questions were asked, using a form with 308 responses. The results showed that, despite the current interference of toxic masculinity, the future of the fight for gender equality is promising, since 63% of the participants showed they believe in the change of masculinity patterns in a period of ten years. It was also documented the perspective that future generations will be educated with a less conservative view of the theme, since 83.4% of the participants denied the interest in passing on traditional and harmful ideals of a male figure to their children.

KEYWORDS: Toxic masculinity, Gender equality, Hero culture, New masculinity, Parenting methods.

1 | INTRODUÇÃO

Este trabalho emergiu através de discussões dentro da disciplina Resolução de Problemas I¹, na Escola de Artes, Ciências e Humanidades, da Universidade de São Paulo, no primeiro semestre de 2020. Seu objetivo é analisar os efeitos da masculinidade tóxica na luta pela igualdade de gênero, proposta por movimentos sociais e que tanto afetam a saúde física e mental de todos.

Segundo Moura (2019), define-se “masculinidade tóxica” como um conjunto de crenças, normas e comportamentos relacionados à masculinidade, sendo esses prejudiciais às mulheres, crianças, homens, e a sociedade em geral. Essa masculinidade impõe uma pressão e cria uma prisão psicológica nos homens; ela nega a visão do feminino, e tudo que vem da mulher torna-se não masculino e fraco. Assim, é construída a hegemonia masculina, se baseando na supressão e na inferiorização de qualquer masculinidade concorrente (JANUÁRIO, 2016).

A sociedade atribui distintos papéis para a construção da identidade social da mulher e do homem; ela delimita com precisão os campos que se espera ver a atuação das diferentes categorias de sexo. Vale ressaltar que essa mesma sociedade está em constante mudança (SAFFIOTI 1987). Historicamente, a visão acerca das diferenças entre mulheres e homens foram se alterando até o início do século XIX. A concepção dominante - chamada de “one-sex-model” - era de que a mulher seria um “homem invertido”, ou seja, que a diferença entre esses dois sexos biológicos se pautava apenas nas distinções anátomo-fisiológicas (SILVA, 2000). Dessa maneira, percebe-se que o corpo masculino era entendido como o modelo a todos os outros corpos. Entretanto, com o desenvolvimento do conceito de sexualidade no mesmo século, essas diferenças saíram do campo fisiológico e começaram a se fixar em campos sociais. A sociedade criou padrões de comportamentos e moralidade para as mulheres distintos daqueles vistos para os homens. Partindo de “homem invertido”, o sexo feminino passou a ser o inverso social do homem, ressaltando o domínio masculino sobre o feminino (SILVA, 2000).

Na masculinidade moderna, surgem diversos outros estereótipos nocivos que

¹ agradecemos aos participantes da pesquisa e ao Rodrigo S. Frazão, integrante do grupo de RP que atuou no trabalho, mas não quis fazer parte desta publicação.

prejudicam mulheres, homens e a sociedade de maneira geral. Desde pequenos, os meninos são ensinados por diversas referências que o mundo é violento, reforçando um pensamento maniqueísta de divisão entre os heróis e os vilões, o bem e o mal, os vencedores e os perdedores. Assim, para se conquistar objetivos e a “princesa”, os homens reproduzem um ideal formado por estereótipos do masculino associado à coragem, força e virilidade. Tal conceito é definido por “Cultura do Herói” (ONU Mulheres, 2016).

Em prol da manutenção e perpetuação desse ideal, surgem os comportamentos violentos. Imposições sociais como a restrição emocional e a heterossexualidade não só reforçam esse padrão violento, mas também contribuem para o descaso dos homens com sua saúde mental, gerando consequências, como comportamentos impulsivos e autodestrutivos (ONU Mulheres, 2016).

Nesse sentido, Mirian Béccheri Cortez, entrevistada por Stevanim (2019) argumenta que a discussão do tema contribui diretamente para a mudança de padrões hegemônicos e a união dos homens à luta pela igualdade de gênero, pois são estudos, debates e práticas baseadas numa perspectiva feminista. Segundo a mesma autora, o uso do termo “tóxica”, associado à masculinidade hegemônica, abriu espaço para tais discussões, pois é um termo fácil de ser compreendido e apropriado pelo senso comum que, por sua vez, “eleva o debate crítico feito no campo das políticas públicas sobre os prejuízos individuais e sociais causados pelo machismo” (STEVANIM, 2019).

Assim, com base nessas ideias, o objetivo do trabalho é analisar os efeitos das práticas tóxicas associadas ao homem na luta pela igualdade de gênero.

2 | MATERIAIS E MÉTODOS

O trabalho tem um caráter exploratório, com perguntas fechadas e abertas sobre variáveis relacionadas à construção da identidade masculina e seus efeitos na sociedade. O desenvolvimento desse estudo ocorreu no primeiro semestre do ano de 2020 e se deu de forma virtual, devido às condições de saúde no mundo, que se encontrava diante de uma pandemia causada pela infecção viral COVID-19.

O questionário foi realizado por meio de um formulário feito no Google. Sua divulgação se deu principalmente por meio das redes sociais, como o Facebook e o WhatsApp, obtendo uma amostragem de 308 pessoas. As análises descritivas e estatísticas (teste do χ^2 ou qui-quadrado) foram feitas pelos programas Excel e *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS).

Todos os cuidados éticos em pesquisa com seres humanos foram tomados, incluindo uma carta de apresentação esclarecendo sobre o estudo, sobre a liberdade de interromper o preenchimento, garantindo o anonimato e assegurando uma forma de contato com os autores.

3 I RESULTADOS E DISCUSSÃO

Das 308 respostas obtidas, 158 foram do gênero feminino, 147 do gênero masculino e 3 de outros (bigênero e não binário). A média de idade foi 23.61 (DP = 10,02), variando de 18 a 76 anos. Por tratar-se de uma pesquisa feita dentro do âmbito acadêmico, boa parte dos respondentes foram ingressantes em faculdades, sendo 18 anos a moda da idade.

Realizou-se uma pergunta com o objetivo de analisar a frequência de aparição do termo “Masculinidade Tóxica” no espaço amostral, que foi subdividido em grupos etários. Foi encontrada significância estatística entre as variáveis frequência do termo e grupo etário (Gráfico 1). O resultado demonstrou que, quanto menor a idade dos entrevistados, maior era a ocorrência desse termo. Isso se relaciona com o fato de que, conforme o tempo progrediu, mais estudos voltados à área foram apresentados, de forma que esse termo ganhou notoriedade entre os mais jovens e os fez entenderem mais sobre o assunto. Conforme pesquisas realizadas pelo Google *Trends* (Gráfico 2), o termo “masculinidade tóxica” vem ganhando o seu “pico de popularidade” atualmente, o que reitera a ideia apresentada anteriormente.

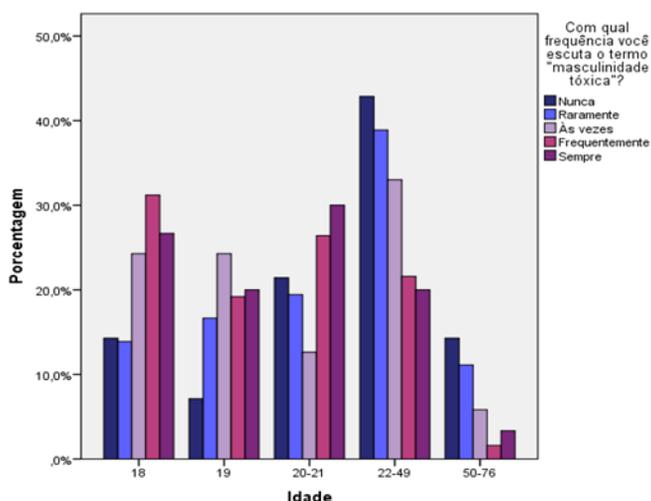


Gráfico 1 – Relação entre a frequência em que se escuta o termo “masculinidade tóxica” e a idade dos participantes. (significância pelo teste do χ^2 ; $p < 0,05$)



Gráfico 2 – Frequência de buscas pelo termo masculinidade tóxica, ao longo do tempo (obtido pelo *Google Trends*)

É importante destacar ainda, que o aumento da ocorrência do termo “Masculinidade Tóxica” entre os mais jovens redireciona a expectativa do futuro a uma população com maior conhecimento da expressão. Essa expansão se daria através dos atuais jovens e dos meios educacionais, passando essas informações às futuras gerações. Esse fato seria justificado devido à relevância que o assunto expressa na vida de grande parcela da sociedade moderna.

Assim, como é constatado por Paulo Freire em sua “Terceira carta pedagógica”: “Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda” (FREIRE, 2000, p. 31). Nessa perspectiva, a educação deve atingir uma dimensão ético-política com o intuito de contribuir para a solução de problemas que atualmente afetam boa parte da população. Portanto, com o entendimento dos efeitos que a Masculinidade Tóxica e uma educação acerca do assunto podem ocasionar, torna-se possível mudar os padrões vinculados ao gênero, rompendo uma barreira histórica que fomenta a previamente referida “Cultura do Herói”.

Outro fator que foi investigado nesta pesquisa foram as características que os indivíduos associaram ao padrão masculino. O Gráfico 3 apresenta a porcentagem com que cada atributo foi escolhido como representante da figura masculina, lembrando que foi dada a possibilidade de um indivíduo escolher mais de uma opção.

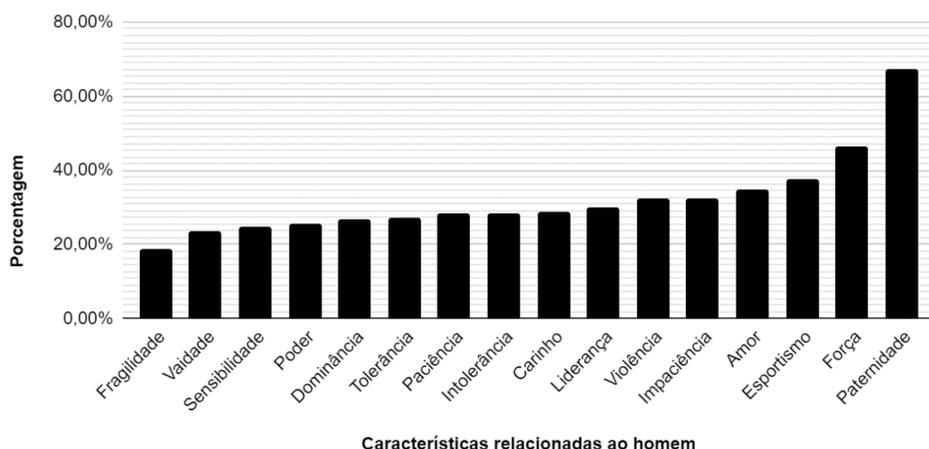


Gráfico 3 – Porcentagem de indivíduos que escolheram este atributo como relacionado ao “ser homem”.

A masculinidade tóxica inviabiliza a autorreflexão emocional, contribuindo para a permanência de padrões normativos da masculinidade (STEVANIM¹, 2019). Esses padrões são refletidos nos resultados obtidos na Figura 4, como a falta de sensibilidade, de fragilidade e de vaidade, assim como a força, a violência e a impaciência. Tais características constituem padrões moldados durante a socialização dos homens pela família, pela escola, pela mídia, pela sociedade, e afetam negativamente não só os próprios homens e sua saúde mental e física, mas também todas as outras pessoas, de forma direta ou indireta. São padrões que perpetuam o machismo, o feminicídio e os abusos contra mulheres (STEVANIM², 2019).

As culturas ocidentais reproduzem bem alguns dos maiores estereótipos relacionados à performance do homem. Um dos principais é a ideia de que o gênero masculino é ativo, onde na infância, se apresenta pela hiperatividade dos meninos, e pode facilmente ser confundida com agressividade (GROSSI, 2004). Há também a convicção de que mulheres são mais emotivas do que homens, numa clara oposição binária entre emoção e razão (AZEVEDO; MEDRADO; LYRA, 2018).

A mídia tem grande influência no processo da construção de opiniões tóxicas sobre a masculinidade e de um ideal hegemônico (SILVA, 2019). O documentário *The Mask You Live In* (dir. Jennifer Siebel Newsom - 2015) aponta que músicas, filmes, videogames, entre outros, moldam estereótipos masculinos, quase sempre baseados no poder. Isso demonstra uma das formas como a masculinidade tóxica é culturalmente construída.

Essa consolidação dos estereótipos masculinos junto à construção cultural da masculinidade acaba por afetar aspectos pessoais dos próprios indivíduos que perpetuam os padrões tipicamente associados à figura masculina. Dentro dessa perspectiva, analisou-se, por meio de perguntas abertas, o quanto a imposição de uma figura forte e dominante

era prejudicial aos próprios homens. Segundo os discursos, mais da metade dos homens não se sentiam confortáveis para sequer compartilhar seus sentimentos com pessoas próximas, tendo em vista que isso causaria julgamentos em relação às suas sexualidades, o que comprometeria a imagem que o indivíduo deseja passar à sociedade:

“Sempre fui muito julgado, sempre me escondi muito, tentei me encaixar nos padrões que a sociedade impõe para os homens. Sinto esses desconfortos porque nunca pude falar com meus pais sobre o que sinto e o que me incomoda na sociedade. Eu tenho um irmão que sempre me escutou e me apoiou, independente de qualquer coisa, mas mesmo assim, é muito difícil me abrir pra ele. Acredito que é devido às cicatrizes que tenho, causadas pela sociedade e sua masculinidade tóxica.” (Homem, 18 anos)

“A necessidade masculina de ter que esconder a fragilidade para ser bem aceito como “homem de verdade” e (ser) bem respeitado” (Homem, 18 anos)

“Acredito que a falta de conversa e o medo de expor qualquer tipo de sentimento na infância, como algo que me foi ensinado, perdura até hoje. Foi um ensinamento totalmente errôneo, mas que carregou até hoje.” (Homem, 18 anos)

Dados de estudos realizados pelo Núcleo de Estudos da Mulher e Relações Sociais de Gênero (NEMGE) indicam que a sociedade entende o adoecimento psicológico do homem como um fracasso, e isso inclui a percepção da própria família. Isso é reflexo do ideal masculino construído de que o homem deve sempre ser forte e não pode demonstrar ou falar sobre seus sentimentos, vistos como sinais de fragilidade (apud D’AGOSTINI, 2019).

Essa máscara construída para os homens é uma espécie de configuração social, um ideal programado e padronizado, que é reproduzido por eles de forma até mesmo inconsciente (AZEVEDO; MEDRADO; LYRA, 2018). Como apontado por Mirian Béccheri, psicóloga judiciária, entrevistada por Stevanim (2019), nossa cultura machista prega que “ser homem” significa estar afastado de tudo que faz parte do “universo feminino”, que incluiria a expressão de emoções como a vulnerabilidade. Segundo ela, essa é uma “lógica binária simplista”, que impede o homem de desenvolver habilidades sensíveis e práticas que foram estimuladas nas mulheres durante a socialização (STEVANIM², 2019).

Tais traços patriarcais ainda perduram no inconsciente da população e na sociedade, e ainda causam consequências diretas nas vidas das mulheres. Mesmo com a participação feminina na força de trabalho sendo de 48,5% em 2018 (OIT, 2018), isso não as garante um ambiente seguro em casa. Um estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) em 2019 revelou que o índice de violência contra mulheres que fazem parte dessa força de trabalho (52,2%) é mais que o dobro do registrado pelas que não estão no mercado (24,9%). O fenômeno é justificado pelo conceito jurídico de legítima defesa da honra, comumente usado em tribunais para anular a culpa dos maridos frente à acusação de violência doméstica. Essa argumentação parece dar o direito aos homens de castigar

as mulheres, por infringirem normas impostas por eles (BOTELHO, et al., 2007). Essas constatações também são observadas na amostra coletada: algumas das características mais associadas aos homens foram violência, impaciência e força (Gráfico 3), implicando que a noção do homem como um ser violento ainda permanece na mentalidade da população.

Com o intuito de desconstruir esses ideais, segundo o sociólogo Michael Kimmel, o movimento feminista espera que o homem seja ético, emocionalmente presente e responsável por seus valores com as mulheres e também com outros homens. Assim, a partir desse ponto de vista, o feminismo favorece, direta ou indiretamente, a formação de uma “Nova Masculinidade”. Essa “Nova Masculinidade” tem o propósito de abranger todas as formas de ser homem, aceitando e acolhendo masculinidades possíveis, livres de estereótipos opressores. Esse movimento garante condições mais igualitárias e saudáveis, onde os homens têm espaço para serem mais humanos e se expressarem sem a ameaça de colocar qualquer coisa em risco, seja sua imagem, seja seu bem-estar psicológico (Dossiê Brandlab, 2018).

É importante frisar que, mesmo engajado em ideais feministas, os homens ainda estão em posição de privilégio. Ainda assim, em geral, homens que se identificam como feministas podem fazer parte de outras minorias, como raciais, sexuais ou de classe (HERNÁNDEZ, 2008), adicionando preconceitos.

A pensadora francesa Olivia Gazalé (entrevistada em EICHENBERG, 2019) defende que o futuro do feminismo depende da conscientização pelo homem de sua virilidade fabricada e frágil, e da reinvenção de sua masculinidade. A masculinidade atual deve passar por uma revisão, na qual seria analisado aquilo que de fato pode somar para o homem em diversos aspectos de sua vida: como cidadão, pessoa, parceiro e pai, pensando em sua qualidade de vida e na dos outros (STEVANIM², 2019).

Assim, espera-se que os ideais conservadores sejam substituídos por pensamentos mais liberais. Com isso, formulou-se duas perguntas com objetivo de analisar essa tendência futura. A primeira delas buscava compreender o que foi ensinado aos indivíduos sobre “ser homem”. As respostas foram classificadas como “tradicionais” ou “modernas”. Entendemos “tradicional” como uma educação que defende a manutenção do patriarcado e da submissão feminina. Como “moderna”, entendemos uma educação baseada na igualdade de direitos e na liberdade. De modo a ilustrar esses ideais, foram retiradas do questionário algumas respostas dadas pelos participantes. As duas primeiras respostas carregam um cunho tradicional e representam a maioria das respostas dadas por outros participantes, enquanto a terceira expressa uma ideia moderna:

“Que homem não chora, que não usa roupas coloridas. Homem não deve ser fraco, tem que ser sempre competitivo, gostar de esportes, e principalmente, ser hétero.” (Mulher, 20 anos)

“Os padrões masculinos sempre foram um problema pra mim. A sociedade

nos mostra (através de filmes, discursos políticos, da família, reforçado muitas vezes nas escolas), que o “ser homem” é: ser corajoso, não ter medo, ser protetor, SER HÉTERO, ser “o homem da casa”, aquele que vai trazer sustento para família, a figura principal (em relação a suporte, a base financeira) da família. Eu nunca me encaixei nesses padrões, sempre tive muito medo das coisas, choro bastante, etc. Sempre foi muito difícil lidar com isso, em casa; meu pai (totalmente criado nesses padrões de masculinidade) tentava me encaixar neles, porque pra ele isso é o certo. Pra eu “ser homem” eu preciso, além de me relacionar com mulheres, me encaixar nos padrões, assim como foi ensinado à ele.” (Homem, 18 anos)

“O que me foi ensinado é que um homem é honrado e cumpre sua palavra sempre (não apenas o homem), é amoroso e sensível, não é violento nem dentro e nem fora de casa, trata as pessoas com respeito e carinho (tanto dentro quanto fora de casa), respeita a religião das pessoas e suas orientações sexuais, procura ajudar e ser respeitoso com a família e sempre ser um bom pai e esposo, além de sempre escutar as pessoas mais velhas e respeitá-las” (Homem, 19 anos).

Em seguida, com o intuito de investigar a predominância desses pensamentos nas futuras gerações, realizou-se a segunda pergunta, a qual questionou-se sobre se as ideias que foram ensinadas aos indivíduos seriam passadas adiante para seus filhos. O resultado demonstrou que a maior parte das ideias ligadas à educação tradicional não seriam difundidas para os filhos dos respondentes, como é possível ver nos gráficos 4 e 5. Destacam-se nas barras azuis, a comparação em porcentagem de onde se encontram as respostas “sim” e “não”, comparando os grupos que receberam educação tradicional e moderna. Assim, 98,9% dos respondentes que disseram que não passariam a educação recebida para seus possíveis filhos, se encontram na educação tradicional (Gráfico 4), e 100% das respostas “não”, daqueles que já são pais (Gráfico 5), se encontram no mesmo grupo (da educação tradicional). Agrupando os mesmos dados de outra forma, e olhando apenas aqueles que tiveram uma educação tradicional, 70,8% não passam estas informações para seus filhos atuais, enquanto 83,4% (sem filhos) não passariam estes valores para a próxima geração.

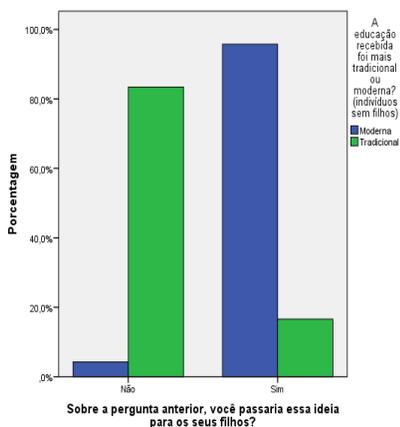


Gráfico 4 - Porcentagem de indivíduos que passariam a educação tradicional ou moderna que receberam aos seus futuros filhos ($p < 0,01$).

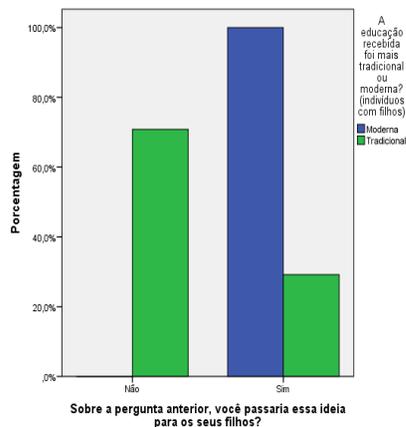


Gráfico 5 - Porcentagem de indivíduos com filhos que passaram a educação tradicional ou moderna que receberam ($p < 0,05$).

Esses resultados possuem relação com a formação educacional familiar de cada indivíduo, bem como com a construção da paternidade durante a história. A construção social da paternidade foi influenciada por fatores como a relação familiar, as condições socioeconômicas e a estrutura sociocultural da sociedade (UNBEHAUN, 2001). Antigamente, por falta de referência, os homens eram os únicos provedores e acabavam sendo pais distantes (PIANS, 2019). Com isso, o espaço familiar era relegado apenas à mulher, visto que as atividades domiciliares eram diretamente relacionadas à produção e reprodução da humanidade (MEDRADO E LYRA, 2008). Assim, a formação educacional de cada indivíduo disseminou estereótipos de que a capacidade biológica e social da mulher seria gestar, reproduzir e cuidar da casa (MUNSBURG; ROCHA, 2016), justificando assim o grande número de pessoas que foram influenciadas por ideais conservadores. Porém, com a inserção cada vez maior das mulheres no mercado de trabalho, graças à luta feminista, houve uma reformulação da estrutura familiar (MUNSBURG; ROCHA, 2016).

Desse modo, o conceito de paternidade é uma das possibilidades de figuração social do papel masculino (MUNSBURG; ROCHA, 2016). As discussões sobre paternidade confrontam o homem com a necessidade de se expressar de forma afetiva e amorosa, representando algo que se aproxima de uma masculinidade saudável (STEVANIM², 2019). A historiadora Mary Del Priore (2013, apud MUNSBURG; ROCHA, 2016,) aponta para o surgimento de uma nova geração de pais, que não têm mais a estrutura patriarcal imposta, como base para suas características e funções familiares, (justificando também o alto percentual encontrado na presente pesquisa de pessoas que passariam ideais de uma educação moderna a seus filhos.

Outro assunto abordado no atual estudo foi o futuro em relação à igualdade de gênero. Percebe-se que existe um consenso de que cada vez mais a sociedade tende a esta igualdade. Foi questionado aos participantes da pesquisa, se eles acreditam que as características tipicamente associadas aos homens vão mudar daqui a 10 anos. Escolheu-se esse período, pois ele condiz com o limite das metas propostas pela Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, criada pela Organização das Nações Unidas (ONU). A Agenda constitui um plano de ação visando a prosperidade, o fortalecimento da paz universal e a erradicação da pobreza em todas as suas formas e dimensões. Conta-se com 17 objetivos e 169 metas para concretizar os direitos humanos de todos e construir sociedades pacíficas, justas e inclusivas. O objetivo 5 é definido como “Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas. Em resposta a essa pergunta, 63% dos participantes mostraram que acreditam nessa mudança de padrões.

Além disso, foi questionado aos participantes que responderam positivamente à pergunta anterior sobre como essas características se desenvolveriam. Um tema central das respostas é a modificação da noção de masculinidade, como mostrado em algumas falas dos participantes abaixo:

“Alguns homens nos dias de hoje estão entendendo que ser sensível, compartilhar os sentimentos, demonstrar fraqueza não é nenhum problema. Que tarefas domésticas são obrigação de todos os moradores da casa.”
(Mulher, 20 anos)

“Uma pessoa que se expresse, não tenha medo de falar seus sentimentos. Quero que um homem seja só uma pessoa que se declare homem, não que tenha que seguir um livro de regras pra ser um de verdade.”(Não-binário, 19 anos)

Entretanto, vale pontuar que, mesmo diante de toda essa perspectiva futura, ainda há aspectos que perduram no inconsciente da população e que podem mascarar a evolução do processo de ruptura dos estereótipos. A grande pressão para atender a uma figura masculina não se estende somente pelo sentimento próprio fomentado durante a construção social, vai para além disso, e muitas vezes, pode-se aplicar num simples questionamento acerca da sexualidade de um homem, por ele não apresentar um comportamento “tipicamente masculino”, julgamento esse, que foi recorrentemente na atual pesquisa.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como apresentado nos resultados da presente pesquisa, evidencia-se que o debate sobre os efeitos nocivos da masculinidade tóxica está ganhando cada vez mais espaço no âmbito acadêmico e no senso comum. Além disso, a nova geração vem conquistando o meio político e cultural, mostrando-se mais consciente acerca do assunto, o que pode

significar um futuro próspero que seja livre de padrões normativos.

Para transformar a “Cultura do Herói”, é necessário mudar o pensamento maniqueísta de divisão entre os heróis e os vilões, o bem e mal, os vencedores e os perdedores e esse processo não é fácil, mas é possível. Através da estruturação de uma educação sólida e saudável, que reflita pensamentos ligados a um olhar mais empático, é possível que mais homens se permitam a entender o que é uma “Masculinidade Tóxica” e confrontar suas ideias. Ademais, os homens precisam renunciar a seus privilégios patriarcais, e estarem engajados na luta pela quebra desses padrões normativos, mas não só os homens e sim, todos os indivíduos. Assim, talvez, a sociedade possa ficar mais próxima de tornar esse conto de herói, passado aos homens, a apenas páginas de livro de História.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Mariana; MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. Homens e o Movimento Feminista no Brasil: rastros em fragmentos de memória. **Caderos Pagu**, Campinas, n. 54, e185414, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332018000300504&lng=en&nrm=i>. acesso em 10 jun. 2020.

BOTELHO, Mirian Sagim; BIASOLI-ALVES, Zélia Maria; DELFINO, Vanessa; PERRI, Fabiola Vanturini. Violência doméstica: a percepção que as vítimas têm de seu parceiro, do relacionamento mantido e das causas da violência. **Cogitare Enfermagem**, v. 12, n.1, p.30-36, 2007. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=483648982004>>. Acesso em: 29 jun. 2020.

D'AGOSTINI, Ana Carolina C. Os impactos da masculinidade tóxica na saúde emocional. **Nova Escola**, São Paulo, 10 abr 2019. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/16890/os-impactos-da-masculinidade-toxica-na-saude-emocional>>. Acesso em 10 jun 2020.

Dossiê Brandlab: **A Nova Masculinidade e os Homens Brasileiros**. Junho de 2018. Disponível em: <<https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/tendencias-de-consumo/dossie-brandlab-nova-masculinidade-e-os-homens-brasileiros>>. Acesso em: 10 jun. 2020.

EICHENBERG, Fernando. **Futuro do feminismo depende de reinvenção de masculinidade, afirma autora (Olivia Gazalé)**. Folha de S. Paulo, São Paulo, 8 de março de 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2019/03/futuro-do-feminismo-depende-de-reinvencao-de-masculinidade-afirma-autora.shtml>>. Acesso em: 10 jun. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. Apresentação de Ana Maria Araújo Freire. Carta-prefácio de Balduino A. Andreola. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

GROSSI, M. P. Masculinidade: Uma revisão teórica. **Mandrágora** (São Bernardo do Campo), v. XII, p. 21-42, 2004. Disponível em: <<https://miriamgrossi.paginas.ufsc.br/files/2012/03/Visualizar3.pdf>>. Acesso em 10 jun. 2020.

HERNANDÉZ, Franklin Gil. **Para [qué estudiar a] hombres? Hombres, feminismo y estudios sobre masculinidades**. In: III Colóquio Internacional de Estudios Sobre Varones y Masculinidades. Medellín, 2008. Disponível em: <http://www.lazoblanco.org/wp-content/uploads/2013/08manual/bibliog/material_masculinidades_0033.pdf>. Acesso em: 03 fev. 2021.

JANUÁRIO, Soraya Barreto. **Masculinidades em (re)construção: Gênero, Corpo e Publicidade**. Covilhã: Livros LabCom, 2016. Disponível em: <http://labcom.ubi.pt/ficheiros/201605201149-201601_masculinidade_reconstrucao__sorayabarreto.pdf>. Acesso em: 2 jun. 2020.

MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 16, n. 3, p. 809-840, Dez. 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X200800030005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 05 Fev. 2021.

MOURA, Renan Gomes de. A masculinidade tóxica e seus impactos na vida dos gays dentro das organizações. **Revista Ciências do Trabalho**, São Paulo: DIEESE; n.13, abr. de 2019. Disponível em: <<https://rct.dieese.org.br/index.php/rct/article/view/194/0>>. Acesso em 03 abr. 2020

MUNSBURG, Gabriel Felipe Pautz; ROCHA, Virgínia Novach Santos da. Masculinidades em foco: A (des)construção da paternidade a partir de crônicas de Rogério Pereira. **IPOTESI, JUIZ DE FORA**, v.20, n.2, p. 126-136, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/ipotesi/article/view/19401/10389>>. Acesso em: 29 jun. 2020.

NEWSOM, Jennifer Siebel. **THE mask you live in**. Estados Unidos, 2015. (92 min) - Documentário disponível no serviço de streaming Netflix. Acesso em: 14 mar. 2020.

ONU Mulheres (2016). **Precisamos falar com os homens? Uma jornada pela igualdade de gênero**. Report de pesquisa qualitativa. Disponível em <https://issuu.com/onumulheresbrasil/docs/relat__rio_onu_eles_por_elas_pesqui>. Acesso em 18 abr. 2020.

Organização das Nações Unidas. **Transformando Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável**. Nova York, 27 de set. de 2015. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/>>. Acesso em: 18 de abr. de 2020.

Organização Internacional do Trabalho (OIT - 2018). **Mulheres ainda são menos propensas a atuar no mercado de trabalho do que os homens na maior parte do mundo, diz OIT**. Disponível em: <https://www.ilo.org/brasilia/noticias/WCMS_619819/lang--pt/index.htm>. Acesso em: 05 Fev. 2021.

PAINS, Clarissa. **‘O homem vive um despertar’ graças ao feminismo, diz escritor que defende a paternidade ativa**. Entrevista concedida por Marcos Piangers. **O Globo**, 03 de junho de 2019. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/celina/o-homem-vive-um-despertar-gracas-ao-feminismo-diz-escritor-que-defende-paternidade-ativa-23696648>>. Acesso em: 29 jun. 2020.

SAFFIOTTI, Heleieth I. B. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987. Disponível em: <https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/direitos-humanos/direitos-das-mulheres/obras-digitalizadas/questoes_de_genero/saffiotti_heleieth_-_o_poder_do_macho.pdf>. Acesso em: 2 jun. 2020.

STEVANIM¹, Luiz Felipe. “É preciso construir caminhos para outras masculinidades”. Entrevista concedida por Diogo Sousa Silva. **RADIS Comunicação e Saúde**, 01 de outubro de 2019. Disponível em: <<https://radis.ensp.fiocruz.br/index.php/home/entrevista/e-preciso-construir-caminhos-para-outras-masculinidades#access-content>>. Acesso em 10 jun. 2020.

STEVANIM², Luiz Felipe. “O machismo fragiliza todo mundo”. Entrevista concedida por Mirian Béccheri Cortez. **RADIS Comunicação e Saúde**, 01 de novembro de 2019. Disponível em: <<https://radis.ensp.fiocruz.br/index.php/home/entrevista/o-machismo-fragiliza-todo-mundo>>. Acesso em 22 jun. 2020.

SILVA, Sergio Gomes da. Masculinidade na história: a construção cultural da diferença entre os sexos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 20, n. 3, p. 8-15, set. 2000. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-9893200000300003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 18 abr. 2020.

SILVA, Vinícius da. **Masculinidades feministas e não-violentas**. 24 de abril de 2019. Disponível em: <<https://medium.com/pirata-cultural/masculinidades-feministas-e-n%C3%A3o-violentas-819541e214d1>> . Acesso em 10 jun. 2020.

UNBEHAUN, Sandra. Paternidades e masculinidades em contextos diversos. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis , v. 9, n. 2, p. 632-633, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2001000200023&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 03 Fev. 2021.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adolescência 1, 3, 6, 7, 14, 15, 16, 19, 24, 30, 36

Afetividade 66

B

Brasil 7, 8, 9, 10, 13, 14, 19, 22, 23, 27, 34, 35, 41, 42, 47, 71, 77, 78, 80, 81, 82, 83, 84, 92, 95, 96, 97, 98, 99, 104, 108, 110, 111, 113, 115, 116, 117, 120, 121, 122, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 135, 136, 137, 138, 139, 151, 158, 165

C

Campanhas 10, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 119, 123, 124, 126, 138, 162

Capitalismo 85, 87, 88, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 132, 160, 161, 162, 163

Classe 28, 39, 62, 69, 71, 74, 76, 77, 78, 79, 84, 85, 86, 87, 88, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 128, 129, 147, 161, 163, 164

Conflitos 1, 6, 22, 93, 94, 118, 156, 159

Costumbres 49, 50, 52, 53, 56, 57, 58, 59

Cultura 2, 14, 17, 25, 26, 33, 34, 42, 46, 50, 55, 57, 60, 78, 115, 128, 134, 137, 140, 142, 144, 146, 151, 161, 166

Cultura do herói 140, 142, 144, 151

D

Desafios 1, 4, 8, 24, 138

Desigualdade de gênero 163

Direitos humanos 26, 48, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 150, 158, 163, 165

Discurso 16, 18, 57, 110, 111, 113, 115, 122, 123, 125, 126, 132

Dissidência 61, 64, 65

E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 29, 31, 33, 35, 46, 82, 84, 110, 115, 124, 126, 129, 131, 134, 144, 147, 148, 149, 151, 166

Educação sexual 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 124

Envelhecimento 28, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 42, 43, 44, 46, 48, 129, 166

Escola 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 93, 115, 128, 141, 145, 151, 155, 157

Etnia 55, 56, 72, 84

F

Família 2, 3, 5, 6, 7, 9, 13, 14, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 36, 61, 63, 74, 90, 91, 93, 99, 100, 101, 145, 146, 148, 155, 156, 157, 160, 161, 166

Feminino 4, 31, 32, 33, 38, 42, 43, 45, 80, 118, 124, 130, 141, 143, 146, 154, 155, 157, 158, 160, 161, 164

Feminismo 39, 51, 52, 60, 78, 81, 84, 85, 91, 92, 95, 147, 151, 152, 162

G

Gênero 4, 6, 14, 17, 19, 22, 26, 30, 36, 38, 39, 41, 42, 45, 47, 61, 62, 64, 66, 67, 68, 70, 71, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 84, 85, 91, 94, 95, 96, 108, 110, 112, 116, 117, 118, 121, 122, 124, 128, 129, 130, 131, 134, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 150, 152, 159, 160, 161, 162, 163, 165, 166

H

Homossexualidade 3, 118, 123, 124, 125, 132, 136

I

Identidade 4, 6, 9, 12, 22, 65, 68, 77, 115, 128, 129, 130, 139, 141, 142

Igualdade de gênero 22, 108, 129, 130, 140, 141, 142, 150, 152

Interseccionalidade 67, 68, 77, 78, 79, 80, 81, 83, 84, 93

J

Jovens 1, 3, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 14, 18, 19, 21, 22, 23, 25, 27, 28, 40, 43, 44, 46, 117, 123, 143, 144

Juventude 11, 33, 34, 39, 166

L

Lesbianidade 61

LGBTQIA+ 5, 110, 111, 112, 113, 115, 124

Liberdade reprodutiva 98, 99, 102

M

Masculinidades 65, 118, 121, 147, 151, 152, 153

Masculinidade tóxica 140, 141, 143, 144, 145, 146, 150, 151, 152

Mitos 25, 29, 30, 33

Modos de criação 140

O

Opressão 29, 67, 68, 69, 70, 74, 75, 77, 80, 81, 82, 83, 85, 86, 87, 88, 90, 91, 93, 94, 130,

157, 158, 161

P

Patriarcado 85, 90, 91, 92, 93, 94, 96, 147

Pessoas trans 128, 129, 130, 138

Política 31, 40, 46, 51, 60, 63, 75, 79, 81, 88, 90, 96, 103, 128, 129, 131, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 144, 157, 158, 160

Políticas públicas 4, 5, 10, 11, 12, 40, 51, 59, 82, 85, 125, 129, 131, 134, 135, 136, 137, 139, 142, 155, 158, 164

População 27, 28, 33, 34, 35, 40, 42, 46, 80, 81, 82, 90, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 120, 123, 124, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 135, 136, 137, 138, 139, 144, 146, 147, 150, 158, 160

Prevenção 6, 7, 9, 14, 19, 20, 21, 23, 106, 110, 112, 114, 115, 116, 117, 119, 120, 121, 123, 124, 126

R

Raça 39, 62, 72, 77, 78, 79, 84, 85, 92, 128

Reprodução assistida 97, 98, 100, 101, 108, 109

Rupturas 49, 56, 132

S

Saúde 2, 3, 5, 7, 8, 9, 10, 13, 14, 19, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 35, 36, 37, 40, 42, 45, 46, 47, 77, 82, 96, 100, 105, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 128, 131, 132, 133, 135, 136, 137, 138, 141, 142, 145, 151, 152

Sexo 2, 3, 4, 5, 6, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 22, 25, 26, 27, 30, 31, 32, 33, 43, 44, 45, 47, 68, 72, 77, 78, 80, 83, 92, 100, 101, 109, 111, 114, 117, 118, 125, 138, 141, 158, 160, 161

Sexualidade 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 40, 62, 63, 64, 92, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 132, 134, 141, 150, 165, 166

Sociedade 3, 4, 5, 6, 9, 12, 13, 19, 25, 27, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 37, 42, 43, 65, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 75, 81, 83, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 96, 103, 105, 111, 114, 120, 121, 124, 125, 127, 129, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 139, 140, 141, 142, 144, 145, 146, 147, 149, 150, 151, 160, 161, 163, 166

T

Tabus 1, 2, 7, 8, 10, 17, 19, 21, 25, 26, 27, 29, 30, 33, 121

Tecnologias da informação e comunicação 38, 40, 42, 46

Tecnologias digitais 38, 47

Terceira idade 25, 27, 28, 29, 34, 35, 36, 37, 39, 42, 43, 46

Transexualidade 127, 129

Transfobia 127, 128, 130, 138

Travesti 61, 62, 63, 65, 111, 127, 139

V

Velhos 41, 43, 44, 46

EDUCAÇÃO SEXUAL, SEXUALIDADE E GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL: TRILHANDO CAMINHOS PARA UMA EDUCAÇÃO EMANCIPADORA 2

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

EDUCAÇÃO SEXUAL, SEXUALIDADE E GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL: TRILHANDO CAMINHOS PARA UMA EDUCAÇÃO EMANCIPADORA 2

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br